LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 4 — 10 CENTAVOS

Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

O PORTO, cidade de trabalho e de nevoeiro, pontual e pratica, quasi britanica, comemorou a trasladação para a gloria, dos soldados desconhecidos, como Londres—com o silencio.

Durante cinco minutos, á hora da trasladação, duas horas nos relogios oficiais, hora suprema no quadrante da Historia—os homens descobriram-se e as mulheres ajoelharam. Foi o Porto, todo o Porto, humildes e opulentos, crentes e ateus.

Ateus? Mas há ateus, nestas horas?

Não cremos todos na eternidade?

Durante cinco minutos a cidade suspendeu o seu murmurio de lutas. As bocas cerraram-se. Ambições e egoismos, interesses e emulações coalharam no ar,—elevou-os o vento.

E a cidade, durante alguns momentos cerrou-se sobre si mesma, a ouvir-se.

Foi sempre o silencio—o silencio que Platão e Maeterlink nos ensinaram a amar—o grande revelador; o silencio—reflexo do infinito, éco da voz de Deus.

Foram os ingleses, protestantes e nebulosos, com uma religião que os ensinou a adorar em abstracção, quem elegeu o silencio para prece aos que silenciosamente, sem nome nem historia, entraram na eternidade.

Soubemo-lo nós, latinos, simbolistas e objectivos, com uma religião que teve de cobrir-se de faustos e perfumes para nos falar á sensibilidade—soubemo-lo nós, interpretados por uma cidade, guardar e compreender.

Orou por nós uma cidade toda. Agradecamo-lhes. Sublimou-se e dignificou-nos.

* * *

A Camara Municipal de Lisboa vai oferecer um copo de agua ás missões aliadas.

* * *

O funeral do desditoso aviador Castilho Nobre será feito a expensas do ministerio da guerra. Foi hoje enviado para Chaves um telegrama de consulta a sua familia a fim de saber-se se ela deseja que os restos do arrojado oficial sejam trasladados para aquela cidade, sua terra natal.

* * *

Parece ser de equilibrio instavel a situação do sr. ministro do trabalho.

* * *

Sob o titulo *Um plagio famoso* o sr. dr. Magalhães Colaço, ilustre lente da Faculdade de Direito de Coimbra, anda publicando no *Boletim da Faculdade* um largo estudo em que demonstra que os celebres decretos 22, 23 e 24 de 16 de maio de 1832—os chamados decretos de Mousinho—foram inteiramente traduzidos do francês, não sendo, portanto, Almeida Garrett, que se gabava de ser o seu autor, mais que um tradutor.

* * *

E' amanhã posto á venda nas livrarias da cidade um novo livro de Antonio Ferro, uma novela em fragmentos *Leviano*. A capa é do pintor Antonio Soares.

* * *

O automovel que o governo português pôs á disposição do Marechal Joffre é um Fiat, italiano. O do generalissimo Diaz, um carro francês Berliet.

Pode a Alemanha desesperar-se que ainda não se desmanchou a colaboração inter-aliados.

NECESSIDADE DE VIVER

Durante estes magnificos momentos, em que o povo português viveu um pouco da sua lenda fulgurante de gloria, esqueceram-se as magoas e amarguras do nosso dia-a-dia. Infelizmente, a realidade tem garras que não largam a sua presa, não podendo nós divagar por muito tempo no reino das quimeras.

A terra chama-nos, e a terra significa trabalho, esforço, dôr, alegria molhada de lagrimas, incerteza e desespero. Na Batalha ficam repousando, imersos em sombras sagradas, os restos mortaes dos dois soldados desconhecidos. O silencio fecha-se sobre eles, ficando unicamente nas nossas memorias e no nosso coração a imagem e a saudade do seu exemplo.

Afim de que a bela lição. que as ressonantes comemorações que, por alguns dias, acordaram do seu torpor a alma do paiz, se não perca, como um grito de vitoria sumido na desolação dos desertos, devemos nós aceitar a responsabifidade da nossa situação dificil e angustiosa e tratar de a resolver em harmonia com os supremos interesses da Patria.

Provou-se agora que não é impossivel restaurar a unidade da consciencia nacional, levando-se assim todos os portugueses de lei a calar a voz das suas paixões, para tão sómente se dedicarem ao bem comum. Demais temos nós já sacrificado ao odio que divide, ás discordias que envenenam e ás perseguições que revoltam.

A hora que atravessamos, porém, exige que terminemos com este imoderado dispendio de energias que nos consomem, aviltando-nos perante as pulcras evocações do nosso passado. Portugal só foi grande e respeitado emquanto houve acordo entre todos os seus filhos. O espirito de rebeldia, a não ser quando a voz da Patria o inspirava e alentava, sómente cavou ruinas.

Somos um paiz pequeno, mas com imperiosas obrigações, altos e nobres deveres, perante o mundo: as nossas colonias que os tres grandes oceanos—Atlantico, Indico e Pacifico banham, criam-nos a imperiosa necessidade de as valorisarmos não só para as defender dos muitos milhafres que as cubiçam, mas para que, conjugadas com o nosso honrado esforço produtor, sejam elementos complementares e de maior incremento da nossa economia.

E, além disto, não temos nós tambem que velar, mui atentamente, pelos muitos e populosos nucleos de portugueses, que a emigração espalhou por terras e regiões transatlanticas, os quaes olham para a mãe Patria com a crença invencivel de que ela nunca os abandonará?

Mal podemos formar uma ideia do que representam estas colonias sem bandeira que quasi só existem e prosperam á custa de lutas e labores obscuros, visto que os nossos governos pouco se teem incomodado com elas.

E no entanto que rica fonte de afectos lusiadas elas não representam!

Desde que nós compreendamos bem que Portugal não se limita a Lisboa e ás enredadas, se não tenebrosas intrigas da sua politica de mesquinhos interesses, é de crêr que lancemos os olhos para o planisferio, procurando o nome português, um tanto por toda a parte, não para evocarmos a epopeia dos nossos antepassados, mas sim para constituirmos um direito ao nosso proprio respeito. E nestas condições, dispostos a receber o ar da civilisação e do orbe, perdendo de vista os varios combates de rãs e ratos que deslustram a nossa existencia, cuidaremos, sem fanfarronadas nem desanimos, da espinhosa obra da nossa reconstrução, votando ao esquecimento as insidias que o Diabo espalha para se rir á conta das nossas miserias.

Ontem, um jornal da manhã apontava a urgencia de nos unirmos todos, esquecendo-se, pelo menos momentaneamente, das divergencias de ideias politicas, para só pensarmos no inadiavel problema da nossa crise. A guerra passou como uma tormenta, devastando, arrazando e matando.

Havemos de vence-la na paz como já fizemos nos campos de batalha. Para isso exigem-se homens, dedicações, inteligencia e acção.

Esperamos que Portugal não sucumba por falta destes elementos vitaes...

O que vai ser a acção do partido monarquico constitucionalista

Legalidade, sim; revolução, não

O sr. conselheiro Ayres de Ornelas, logo que saiu da prisão foi abordado por diferentes jornalistas, que lhe arrancaram curiosas declarações.

Aquelas que vieram a lume no «Correio da Manhã» traçam o futuro plano politico do partido monarquico.

Ora leiam:

«Vamos trabalhar, cada vez com mais ardor, para a salvação do país, pelo que constitue a primeira condição de vida de qualquer nacionalidade, que é a normalisação das suas instituições politicas.

A situação é hoje tal que se torna licito conceber a esperança de que os proprios republicanos verdadeiramente amigos do bem da Patria cheguem a reconhecer em breve que o nosso problema fundamental é o problema politico aberto pela revolução de 5 de outubro, e ponham de parte o que lhes resta de preconceitos ou de caprichos para cooperarem comnosco na obra hora a hora».

Mais adiante, vem estes periodos, que esclarecem as tenções do sr. D. Manuel, ante o actual regimen.

«Sua Magestade preferiria mil vezes voltar para Portugal por um apelo geral da Nação, encontrando todos os portugueses dispostos a auxilia-lo, a vir como chefe de um partido vitorioso contra outro».

Quasi no final da entrevista o sr. Ayres de Ornelas aponta claramente o caminho que o partido monarqnico vai seguir.

Vejamos:

«Desde que os governos da Republica nos garantam o pleno uso das liberdades constitucionais, toda a nossa acção politica vai exercer-se restritamente dentro do campo legal. De resto, até mesmo nessas circunstancias os chefes terão outra autoridade para conter dentro do terreno da lei os elementos mais inquietos e impacientes. E nem nós carecemos de usar de processos revolucionarios para ter a adesão do país, porque essa nunca nos faltou.»

Em poucas palavras a futura acção dos monarquicos será: legalidade, sim; revolução, não.

DIAZ acaba de almoçar, e deseja recolher aos seus aposentos, nos andares superiores do Avenida-Palace. Um granadeiro agigantado corre a chamar o ascensor, mas este vem já a subir e pára precisamente no primeiro andar.

Vem dentro uma familia vestida de côres garridas e chilreando num português com travo do Amazonas. Diaz aguarda que o ascensor se esvazie, mas os *di-lá* querem ir mais para cima.

Então uma velha dama, da familia, decide:

—Sala minha gente, deixa vir o seu général aqui. Nós vai dipois.

* * *

O sr. ministro das Finanças que, segundo nos informam, teve influencia decisiva na votação da amnistia, trabalha nas suas propostas, entre as quais se destaca uma larga operação de emprestimo externo que não segue sem dificuldades.

* * *

O governo do sr. dr. Bernardino Machado, que espiritos irrequietos diziam efemero, parece que tende a fortalecer-se, sobretudo se a pasta das Finanças acudir com algumas das medidas que as circunstancias reclamam.

* * *

A chegada do sr. dr. Afonso Costa e as suas palavras de paz, a respeito da amnistia, levaram o grupo resistente dos que a combatiam a abrandar na sua furia, mudando de atitude mais duma dezena de deputados.

* * *

Tomou hoje posse, ás 13 horas, o chefe do gabinete ds sr. ministro das finanças, dr. Costa Amorim.

* * *

O sr. dr. Afonso Costa, segundo as nossas informações, está no proposito de partir, impreterivelmente, no dia 17.

* * *

Elementos republicanos de varios partidos pretendem realizar ámanhã uma manifestação ao antigo antigo chefe do partido, apesar dos seus desejos em contrario.

* * *

Os electricos que deveriam ser um instrumento de civilisação, estão-se tornando em instrumentos de barbarie e, até, de tormento.

Ha uns personagens conhecidos pelo nome de «condutores» que, por sinal não conduzem nada, mas, em compensação, geralmente, se conduzem muito mal.

São grosseiros e indeferentes.

Compenetraram-se ainda da megalomana ideia de que os electricos são seus e não do publico. E vá, por exemplo, de porem o carro a andar quando lhes apetece, atropelando o proximo e os regulamentos.

Não guardam nada. Nem toques aflitivos nem «paragens» marcadas. Os que tocam ficam *a apitar*. E as «paragens» em vez de «paragens» dos carros tornaram-se em «paragens» eternas dos provaveis passageiros.

* * *

Diz-se com certa insistencia que será o tenente-coronel sr. Helder Ribeiro o substituto do sr. Liberato Pinto na chefia do estado maior da G. N. R.

NO MOSTEIRO DA BATALHA

Repousam para sempre os restos mortais dos dois soldados desconhecidos

A CERIMONIA DE ONTEM ATINGIU A MAIOR GRANDEZA

A cerimonia que ontem se realisou, desde a estação de Leiria ao magestoso convento da Batalha, atingiu a maior imponencia. Não se apagará facilmente da retina daqueles que tiveram a felicidade de assistir ao espectaculo surpreendente a imagem de grandeza que nela para sempre ficou gravada. Os restos mortaes desses dois portugueses anonimos, que souberam morrer lutando, tiveram ontem a sua glorificação condigna.

A igreja de Santa Maria Maior, padrão glorioso de uma pagina fulgentissima da nossa historia, ficará sendo de ora avante o verdadeiro templo nacional. As cinzas humildes, obscuras, mas tocadas de um sopro de gloria, desses dois heroes anonimos, serão a herança sacratissima que a Patria vae legar ás gerações vindouras.

Quando fôr necessario retemperar a fé, ganhar coragem para defrontar o perigo, beber energia para arrostar os vae-vens do destino inclemente, vamos todos á Batalha rezar uma oração junto dessas cinzas sagradas.

A alma de Portugal passou ontem sob as abobadas eloquentes de grandeza de Santa Maria Maior. A Sala do Capitulo, onde ficaram depositadas as urnas que vieram da Flandres e de Moçambique, é hoje o padrão de gloria de Portugal.

A viagem até Leiria

Onde se prova que poucos portugueses conhecem a Batalha

Perto das sete partiu do Rocio o primeiro comboio de convidados em direcção a Leiria. O serviço é dirigido por soldados e oficiais da Direcção Geral de Transportes, o sr. coronel Freiria dá ordens em todos os sentidos. E' preciso abrir um parentesis para encarecer a organização modelar, a que não estavamos habituados, da romaria de comboios e automoveis que ontem nos levaram á Batalha.

O primeiro comboio é preenchido por oficiais do exercito e da guarda, por capas negras de estudantes e pelos representantes da imprensa. Ao longo da linha ferrea, na luz indecisa da manhã, acotevelam-se grupos de curiosos que aguardam a passagem do comboio presidencial. A' medida que a locomotiva vai silvando pelos campos fóra, passam fantasticamente á nossa vista as pequenas estações engalanadas, onde bandas de musica tocam o hino nacional.

Na carruagem onde seguimos a animação vai-se graduando, ao sabor de mil conversações diversas. Quasi ninguem foi ainda á Batalha. O monumento que ali comemora um feito de armas dos soldados de D. João I é ignorado da maior parte dos portugueses.

E quando nos vamos aproximando de Leiria, vendo de um lado e do outro, a toda a extensão que a vista alcança, a mata de pinheiros que D. Diniz mandou semear, há até um homemzinho que pergunta:

—Este é que é o pinhal de Leiria?

O comboio presidencial

entra na estação de Leiria por entre aclamações

Proximo das 13 horas entra na estação de Leiria o comboio presidencial, que traz em vagon descoberto, adornado artisticamente com as corôas, as palmas e as flores, as duas urnas dos soldados desconhecidos. No largo fronteiro á estação, guardado pela tropa, o povo rompe em aclamações e uma banda de musica toca a «Portuguesa». Na gare, apinhada de oficialidade, a guarda de honra apresenta armas.

Aguarda-se um quarto de hora que termine o almoço presidencial. Pouco a pouco, os convidados vão ocupando os automoveis e camions que esperam em frente da estação.

As duas urnas passam sob a guarda de honra formada pelas bandeiras de todos os regimentos de Portugal. O sr. dr. Afonso Costa é o primeiro a deixar o comboio. Em seguida, veem os ministros, o marechal Joffre, o generalissimo Diaz, os representantes da Inglaterra, do Brasil, da Espanha e todo o corpo diplomatico, os quais vão tomando os seus automoveis. Começa a formar-se o cortejo. Sobre a estação vôam tres aeroplanos. O povo comprime-se recebendo com salvas de palmas as urnas dos herois, o sr. Presidente da Republica, o sr. dr. Afonso Costa e os representantes das nações estrangeiras.

O cortejo de automoveis

sae da estação de Leiria para o logar de Santo Antão

O cortejo põe-se em marcha, levando em guarda avançada um pelotão de cavalaria. Os clarins tocam a marcha de guerra. Seguem-se uma banda de musica, os carros com corôas, as urnas dos heroes anonimos e uma longa fila de automoveis e camions, que vae atravessando a estrada cheia de poeira, por entre alas de gente do povo, que se espalhou por toda a parte, para vêr passar o cortejo. As mulheres trazem os seus chapeus caracteristicos de veludo e vestem quasi todas de preto.

Ha milhares de pessoas pelas encostas, crianças das escolas que se amontoam em palanques improvisados, gente que foi de Lisboa em automoveis e aguarda a passagem do cortejo nas encruzilhadas, trepando ao alto dos carros.

Quando passam as bandeiras comovem as manifestações que rompem de todos os lados. Um rapagão, que foi soldado da grande guerra, conta para os outros, apontando uma bandeira:

—Lá em França, quando a guerra acabou e vimos aquela bandeira, foram tantos os gritos e as palmas!...

E o cortejo vai passando, por entre vivas e aclamações de regosijo.

Leiria, com o seu castelo dependurado lá no alto e o Liz a recordar aquele outro rio de França onde os nossos combateram, está cheia de gente, de bandas de musica, de senhoras pelas janelas e caem flores sobre as urnas dos herois.

O longo cortejo de automoveis chega, pelas quinze horas, á capela de Santo Antão, onde se apeiam os convidados.

A caminho da Batalha

As urnas dos herois passam por entre alas de tropa

No Alto de Santo Antão organiza-se o cortejo a pé, a caminho da Batalha. O sr. Presidente da Republica, ministerio, corpo diplomatico e representantes estrangeiros estão já na Batalha, á espera do cortejo.

Conforme o programa que já foi publicado, vão desfilando por entre alas de tropas, de baioneta armada, em continencia, os convidados, as corôas, as mães dos soldados, os capelães militares das forças em campanha, oficiais de terra e mar, mais corôas, mais flôres e os armões com os feretros, ladeados por todas as bandeiras e estandartes.

A's 17 horas começa chegando o cortejo em frente do Mosteiro. Numa elevação de terreno, em frente da igreja, apinham-se milhares e milhares de pessoas, que recebem com palmas a chegada dos herois. Dentro da igreja, assistem ao desfilar das corôas o sr. Presidente da Republica, corpo diplomatico, ministerio e todas as representações estrangeiras. A' entrada da igreja está o sr. Cardeal Patriarca e alguns bispos dos que assistiram á cerimonia. Quando as urnas vão entrando, conduzidas por oficiais generais, ouvem-se as salvas de artilharia, que ressoam dentro da nave central do Mosteiro como uma nota funebre e gloriosa ao mesmo tempo. As bandas de musica tocam hinos e marchas guerreiras. E' a hora solenissima da glorificação dos herois.

Na sala do Capitulo

Fala o presidente da Camara dos Deputados

A Sala do Capitulo enche-se rapidamente. Ao fundo vê-se o catafalco que vai receber as urnas, com a seguinte inscrição: «Carpent tua poma nepotes».

Junto do sobrio monumento tomam logar as altas individualidades. Fala primeiro o sr. dr. Abilio Marçal, presidente da Camara dos Deputados, pronunciando comovidamente estas palavras:

A alma grande e generosa deste bom povo português, de tão admiravel intuição, não podia ser indiferente ao cataclismo que em 1914 tombou sobre a Europa. Portugal aprestou-se rapidamente para a luta. Quando soou a hora de partir não hesitámos em levar á terra sagrada da França e á Belgica martir a nossa simpatia e á Inglaterra a fé jurada da sua lealdade. Nas terras de Africa ficaram tambem os nossos mortos. Fomos buscá-los para eles ouvirem o nosso palpitar patriotico. Está ali um pedaço da nossa alma, está ali um pedaço da nossa patria».

Saúda, em nome de Portugal, as nações amigas que se associaram a esta homenagem e termina dizendo: «Dêmos, senhores, as nossas saudades carinhosas aos mortos».

O sr. dr. Afonso Costa

quere compartilhar das responsabilidades e das glorias deste momento

Quando o chefe do protocolo anuncia que vai falar o sr. dr. Afonso Costa ha um murmurio na assistencia. O chefe da delegação portuguesa á Conferencia da Paz diz:

«Quando ha dias recebi do governo comunicação de que me chamavam a tomar parte nas homenagens aos soldados desconhecidos, todas as razões que teem preponderado no meu espirito me obrigaram a compartilhar das responsabilidades e das glorias deste momento. Esses soldados representam mortos e vivos, mortos de ontem e de hoje, como esse querido Alexandre Braga, que tanto contribuiu para a nossa participação na guerra. Vem afirmar em frente do mundo inteiro, de aliados, de neutros e de inimigos, a grandeza do povo português, tomando parte na guerra. Os soldados desconhecidos, só por si, justificam a nossa participação no conflito. Não vieram só acompanhá-los aquêles que desde o primeiro instante compreenderam a urgencia de revelar ao mundo a nossa vitalidade, vieram tambem os representantes das nações amigas e aliadas».

Refere-se depois a algumas passagens do Livro Branco e afirma:

«Portugal enviou á Inglaterra comunicação expontanea de que estava disposto a lutar, a viver, a morrer juntamente com os seus soldados. Era a consagração da nossa aliança. Tinhamos que defender a independencia e as colonias ameaçadas. A participação na guerra era para nós uma obra de alta obrigação moral e de inteligente politica.»

O sr. dr. Afonso Costa faz em seguida a historia dos factos principais que precederam a nossa entrada no conflito, referindo-se aos auxilios de munições que prestámos á Inglaterra, á apreensão dos barcos alemães e á declaração final da guerra com a Alemanha. Mais uma vez afirma que vem tomar perante as mães dos soldados e perante todos a sua parte de responsabilidade.

«Portugal foi para a guerra porque quiz ir!»—exclama três vezes. Quero dizer claro e alto, que se tivessemos seguido outro caminho, não tinhamos a esta hora independencia nem colonias.»

Refere-se ao auxilio financeiro que a Inglaterra nos prestou e conta os beneficios que nos vieram da guerra. Declara que os navios mercantes apreendidos já nos renderam mais de 4 milhões de libras, estando agora a liquidar-se uma importante soma resultante do seguro de navios afundados. Termina aceitando junto dos cadaveres dos soldados desconhecidos as responsabilidades que lhe cabem e abraça o sr. Presidente da Republica.

O sr. ministro da guerra faz em seguida uma brilhante alocução, enaltecendo as virtudes do exercito português.

O sr. Bispo de Leiria

faz uma oração eloquente e sentida

O sr. Bispo de Leiria, diante de milhares de pessoas que enchiam a nave do Mosteiro, profere uma sentida e eloquente oração, dirigindo-se em primeiro logar ao sr. Presidente da Republica, ao sr. Cardial Patriarca e aos ministros e representantes do Parlamento.

Sauda os delegados das nações estrangeiras e diz'

Têm passado sob estas abobadas muitos hinos e Te-deum de vitoria, mas talvez nenhum tão grandioso como o de hoje. Os soldados da nossa terra deixaram mães, pais, esposas e foram para onde os mandava o dever. Morreram e sobre a sua campa a morte tripudiava. Tinham vencido mais uma vez. Portugal inteiro trouxe-os para este monumento das nossas glorias. Aqueles soldados prégaram a lei do sacrificio, tão necessario na hora presente. A romaria ao templo da Batalha não deve terminar hoje, deve começar hoje. Precisamos aproveitar as lições daquelas mortos. Levai vossos filhos á Sala do Capitulo e dizei-lhes os seus feitos.»

Em seguida foi cantado o *Libera-me* no altar mór da Igreja. E terminou assim a cerimonia, inolvidavel, eloquente de grandeza, de santa recordação.

COLEGIO LUSO-BELGA
Directora: M.me Jeanne Rolin
RUA CAMILO CASTELO BRANCO
Instrução primaria,
instrução secundaria e comercial
Aceita alunos internos,
externos e semi-externos
Sempre os melhores resultados nos exames

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ.—Resa-se da Feria, simplex paramentos brancos, missa e orações (como dia 6).

LAUSPERENE.—Na capela de Nossa Senhora da Conceição (ao Caldas).

FESTIVIDADES.—Sé, ás 11, côro, ás 12, missa e vesperas. S. Roque, ás 8,30, missa; Conceição (ao Caldas), ás 10, missa da Paz; ás 18 horas, Terço de Bemditos, por musica.

NOVENA A S. JOSÉ.—S. José, ás 19 1|2 horas, por musica, orando o rev. Agostinho da Mota.

Na freguezia de S. José, no dia 16, celebra-se a festa dos desposorios de S. José, feita pela sua Archi-Confraria, ás 11 1|2, por instrumental, orando o rev. Ferreira Governo.

Lisboa sem pão

Estamos desde sabado lutando com a falta de pão. Os amassadores declararam-se em gréve, ao que nos consta, por motivo dos industriais de padaria terem aumentado o ordenado dos caixeiros, esquecendo-se dos manipuladores de pão. A gréve já se fez sentir, violentamente, pela explosão de bombas, e pela falta de pão em quasi toda a cidade.

No entanto, como a gréve é parcial e como os fornos electricos da Manutenção Militar podem coser em vinte minutos quasi todo o pão que a cidade consome, não há motivos para sustos.

Hoje já deve aparecer algum pão, havendo tambem esperança que a gréve se solucione rapidamente.

ARTES & LETRAS: Othon Friesz, pintor de Portugal

Só Portugal o não conhece, esse bizarrissimo artista, insaciavel buscador de definitivo plastico, cuja vida de luta e de ancledade parece resumir só por si toda a historia da pintura.

E no entanto, no recente *Catalogue des principaux tableaux d'Othon Friesz, rangés por orde chronologique* veem os seguintes titulos, nas datas de 1911 e 1912:

«...*Voyage au Portugal.* La Fontaine do Guarda; Les femmes á la fontaine; Le labour; Rue de Guarda; Le danse dos ceifadores; Coimbra, la ville; Soir sur le Mondego; Cabanon dans les Palmiers; Les Porteuses de Cantaros; Les Jardins de Coimbra.»

Isto, apenas de entre os principais. Que de outros sei eu, disseminados a estas horas por museus e gabinetes de arte do mundo inteiro.

* * *

Quem é, então esse novo mestre que tão bem nos conhece e que nós ignoramos tão completamente?

Mal se pode falar, em tão curto espaço, d'uma criatura a tal extremo possessa do demonio da pintura.

Por onde pegar-lhe sem correr o risco de deixar o melhor por dizer?

Pelas reminescencias das minhas primeiras impressões de ha 10 anos? Ou pela historia do seu périplo obstinadamente aventuroso, tal como a ele proprio o tenho ouvido, em largas cavaqueiras na intimidade dos incolas de Montparnasse?

Não sei. Saia antes tudo á mistura, rapidamente, atabalhoadamente.

* * *

Ha dez anos, pois, ainda mal orientado nessa babel de arte que é Paris, entrei certa noite no Odeon. Ia a *première* duma peça em verso dum novo, de Georges Duhamel, *La Lumière*, montada por Antholne, na plenitude do seu esforço inovador. Estreava-se tambem nessa noite, se me não engano, o hoje celebrado autor da *La vie des Saints* e de *Civilisation*. O herol era um artista que, tendo cegado subitamente, buscava a luz interior na chama do Amor.

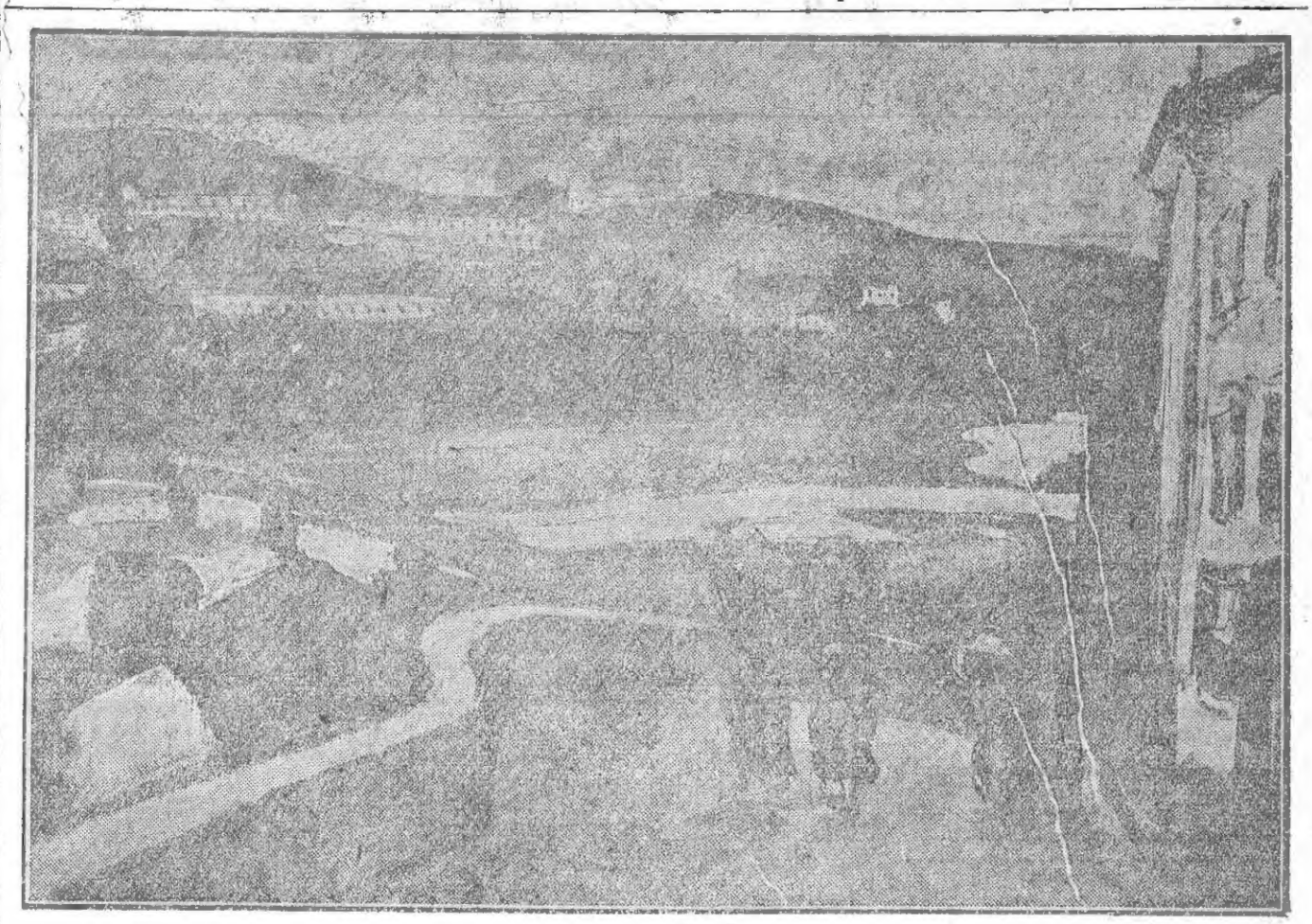
O scenario—um deslumbramento de tonalidades insolitas, em que o sol, retoiçando e escachoando por sobre todas as coisas, tornava num verdadeiro inferno de saudade da côr aquele paraizo perdido para a luz dos olhos.

Othon Friesz apareceu-me ali, pela primeira vez. Fôra ele quem pintara tudo aquilo, com os seus novos processos, uma sã coragem, um vigor de sensualismo e uma inaudita sinceridade de coloração.

Saí dali como que mergulhado num banho lustral de pintura moderna, atonito; e com uma grande sêde de ver e de conhecer. Ver a sua obra passada, conhecer o proprio artista.

* * *

Mas Othon Friesz andava então pintando por terras de Portugal. Era a Guarda o seu quartel general; e, montado num rocim comprado numa feira a um cigano, ia de poiso em poiso, por esses corregos das Beiras, surpreender as nossas maçoilas a cantar, nas fontes, a saracotear quadris em dansas repenicadas.



Soir sur le Mondego

Passou a serra da Louzã, o vale do Mondego e levou numa tela a miragem de Coimbra, tal como os seus olhos a abarcaram dum só hausto, do alto de Santa Clara.

Enamorou-se do Jardim Botanico, cantou com côres e formas exacerbadas aquele feraz remanço da serenidade lusitana; admirou os nossos azulejos na candura do seu desenho e na felicidade da sua expressão decorativa, sorveu avidamente fortes sensações que nós nunca presentimos, desenhou, pintou, buscou muito, e foi-se para Paris a abrir uma escola livre de Pintura.

* * *

Othon Friesz com Henri Matisse e André Derain, é um dos chefes do belo movimento chamado do *fauvismo*.

Desde 1904 que o insurrecto do *atelier* de Bonnat, o renegado de todas as escolas, menos da natureza, achara a via nova da côr pura, dos paroxismos cromicos de luz. Em 1908, expõe a sua *Cathedral de Rudo*, em que realisava talvez a sua primeira grande sintese.

«Ha meia duzia de anos—diz um critico celebre—Friesz julgar-se-ia na obrigação de pintar vinte aspectos do monumento a vinte horas diferentes.»

Mas ainda não é, para ele, a fase definitiva. Outros, com menos temperamento ou menos vontade de acertar, ficarão eternamente traduzindo a vibração pelo aspecto fugidio da côr.

Friesz, busca e rebusca, obstinadamente, até que um dia solta por seu turno o grande brado: «Tradição!»

Os velhos mestres, só os compreendeu quando os encontrou na propria vida, como Poussin, que ele descobriu «refait sur nature».

A harmonia da composição, o ritmo das formas, a orquestração das côres, tudo se conjuga, por fim, num equilibrio subtil, infinitamente sobrio, rude e sensivel, numa renuncia de todos ás *débauches*, numa definitiva economia de todos os recursos.

Hoje, buscando mais e mais o seu sonho de realisação eterna, ele ensina a sua geração a não sucumbir na mediocridade da emoção directa, a vivificar a arte na contemplação subjectiva da natureza.

Não acredita já em descobertas novas, não julga possivel uma continuidade na oposição. O antigo, o classico, é para ele um exercicio diario, como uma prece matinal.

E enclausurado nessa filosofia estetica da humildade fecunda, que não expiatoria, ele, filho e neto de navegadores e geografos, lá vai sempre singrando, numa rota firme, embora seguindo ventos e marés varias.

A sua obra, já hoje enorme, é das mais unas e das mais diversas. Diversa pela preocupação dominante duma hora, una pela sua atitude perante a natureza.

J. de B.

Danse des ceifadores

LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49
Livros tecnicos
de todas as especialidades

Todas as questões
de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Impressão pessoal

Meu amor.
Anda tudo alvoroçado
a ver se a peça «Zilda» é boa ou não,
e eu, apesar de lá não ser chamado
vou meter-me tambem na discussão.

Bem sei que me escasseia a autoridade,
e pouco sei de teatro, inda por cima;
mas isso não importa: o que é verdade
é que a Zilda afinal... é minha prima!

Creamo-nos a par; eu, prazenteiro,
ela, de genio ruim, sempre choirosa;
quando a via sorrir, Tomaz Ribeiro
chamava-lhe «a menina côr de rosa».

Dos que hoje a admiram tanto, ninguem julga
como ela me batia sem razão
se me negava a ir jogar a *Pulga*
ou lhe ganhava ás *bolas de sabão!*

Prendeu-a o teatro. Eu era um papa-açoda,
mas, por não ter melhor,—que destempéro!—
comigo se estreou na «Sangue-Gorda»,
peça em um acto dos irmãos Quintero.

.....

Depois... o resto sabes, sabem todos;
charme, elegancia, boa voz, talento,
notaveis criações, exito a rodos,
e há muito pouco tempo, o casamento.

Quando a fui ver na «Zilda» até pasmei.
Não lhe sabia aquele geito agreste,
e, da primeira vez, imaginei
que a minha prima se tornara em peste.

Logo ao primeiro acto, um endoidece
(que eu, em verdade, devo declarar:
—o tal Carlos tão tolo me parece
que me sinto incapaz de a censurar!)

Deitar assim o Robles suicidado,
no fim do quarto acto, é que acho feio;
demais a mais depois de ter «flirtado»
com dois ou tres sujeitos de permeio!

.....

que digam mal da «Zilda», é uma tolice,
«Zildas» somos nós todos, afinal;
só se pode dizer o mal que eu disse,
se ao que eu disse se chama dizer mal...

E' Zilda o Botto, é Zilda o Bernardino;
a Zilda quasi é verbo e se conjuga;
a cada passo vêmos num destino,
nervosismo, loucura, ruina e fuga!

E se outras não agradam á assistencia
que lhes conhece o erro, ou a desdita
é que é raro ganharem a indulgencia
que a gente, meu amor, por complacencia
concede sempre a uma mulher bonita.

Tomaz Ribeiro Colaço.

NOTAS MUNDANAS

A caridade

Opereta «Rip»

Decorreu brilhantemente o ensaio que ontem teve logar no salão nobre do Teatro de S. Carlos, sob a direcção do maestro Alberto Sarti, dos córos da encantadora opereta francêsa «Rip». O proximo ensaio que devia ter logar ámanhã, fica trasferido para quarta feira, á mesma hora, 4,30 da tarde, sendo o seguinte na quinta feira. A ilustre comissão pede a todas as pessoas que tomam parte na recita o favor da sua comparencia.

Bisbilhoteira

O distinto grupo de amadores que na noite de 28 de fevereiro ultimo realizou no teatro Politeama a recita de caridade em que se representou a engraçada comedia original do talentoso comediografo sr. Eduardo Schwalbach «A Bisbilhoteira», parte brevemente para Coimbra, onde no teatro Avenida vão representar em recita de caridade organisada por uma comissão de senhoras d'aquela cidade, a lindissima comedia, completando o restante programa varios córos do inspirado compositor sr. dr. Coutinho de Oliveira, em que tomam parte varias meninas e rapazes pertencentes ás principais familias dessa cidade. A recita está marcada para a noite de 23 do corrente.

Casamentos

Fala-se no nosso meio elegante que em breve se ajustará o casamento de uma gentil menina, filha de um distinto oficial barbaramente assassinado ha anos, com um rapaz da nossa sociedade elegante, filho de um falecido presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Almeida, D. Ana de Jesus Maria Berquó de Mendóça (Loulé), D. Maria José Barbosa de Gorjão Henriques, D. Berta Mauperrin de Castelbranco, D. Gilda Jardim de Freitas Brandão de Melo, D. Gerty Wolff Ferrão de Castelo Branco, D. Vitoria Adelaide Maria de Sousa Martins Feio Peixoto Braga e D. Maria Garrett Malheiro.

E os srs.:

Conde de Calheiros, Visconde de Sacavem (José), dr. Francisco de Meireles Leite Pereira de Abreu e Sousa, dr. Antonio Teles da Silva (Tarouca), Carlos Ferreira dos Santos Silva, Carlos de Seixas Palma, Vasco Ripamonte de Oliveira e Antonio de Macedo e Brito, secretario da gerencia do teatro Nacional.

Festa de homenagem

E' ámanhã que se realisa, como temos noticiado, no teatro Avenida a festa de homenagem dedicada pela empresa D. Maria Matos e Mendonça de Carvalho aos seus cronistas mundanos e nossos camaradas de trabalho. Representa-se pela ultima vez nesta temporada a encantadora peça de Nicodemi, tradução do brilhante comediografo sr. Eduardo Schwalbach Lucci «A Inimiga» á qual a companhia dá um desempenho superior.

A casa encontra-se tomada por tudo que de melhor conta a nossa aristocracia sendo, portanto, de prever uma noite verdadeiramente «smart».

Em viagem

São esperados em Lisboa, vindos de Madrid com suas esposas as sr.as D. Maria José de Barros Belmarço e D. Amelia Salter de Sousa Belmarço, os srs. Hugo e Vidal Navarro de Andrade Belmarço.

—Vindos da Figueira da Foz estão em Lisboa os srs. Joaquim Reis Pinto e Americo Salvador.

—Encontram-se em Lisboa, vindos da Figueira da Foz, os srs. Viscondes de Montargil, acompanhados de seus gentis filhinhos.

—São esperados em Sevilha os srs. Condes de Calhariz, que actualmente se encontram em Madrid.

—Encontra-se em Lisboa o sr. Manuel Basilio Castelbranco.

—Vindo da sua casa da Abrigada, está em Lisboa, acompanhado de sua esposa a sr.a D. Sofia Pinheiro Gorjão Henriques, e de suas gentis filhas, o sr. Francisco Gorjão Henriques.

—De Faro regressou ás Caldas da Rainha o sr. Vitorino de Avelar Froes.

—Na quinta de Manique de Baixo encontram-se hospedes de sua tia a sr.a Condessa da Azambuja, o sr. D. Vasco Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte) e sua esposa a sr.a D. Ana de Jesus Maria de Mendóça de Siqueira da Camara (Belmonte) e seus gentis filhinhos.

—Vindo de Paris é esperado em Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. José Paccini.

—Partiu para Coimbra o sr. dr. Alvaro de Matos.

—Para Braga partiu o sr. dr. Lino Neto.

O ESCONJURO

Aquilino Ribeiro, o admiravel romancista da «Via Sinuosa», autor do folhetim «O esconjuro», que o «Diario de Lisboa» está publicando, e de que publicará outras novelas.

NOTAS D'ABRIL

Sabado, 9, duas da madrugada

Sala de S. Bento—duas e meia da madrugada.—Pelas galerias rostos conhecidos, senhoras que se debruçam febrilmente e homens de estranho aspecto, que me olham com surpresa.

Mas porque estará lá no alto, dormindo com serenidade aquela velha de lenço?

Em baixo, pelas bancadas, deputados em atitudes diversas, conversam baixinho. Em redor dele um grupo de amigos escuta-o.

O senhor deputado passeia com metodica agitação no estreito espaço de que dispõe, e ergue o braço direito, num gesto que repete continuadamente. Está rouco. Não admira. Ha tres dias que o orador fala — torrente ininterrupta e violenta — contra a amnistia.

Olho-o com atenção. E' um senhor, igual a todos os senhores,—mais feio talvez—que esbraceja, falando numa toada monotona.

E considero para comigo mesma—ah! se ele possuisse a beleza triunfante de Alcibiades, os classicos traços de Pericles seria talvez mais benevolente menos feroz—como todos os homens que são amados...

Segunda-feira, onze

Chegou a primavera. Vem como sempre, antecipada. Sopra um vento quente do sul, já as arvores se abrem em folhas tenras.

Na Praça de Camões aquela tilia que durante o inverno estendeu os braços nus aos alegres pardais, vestiu-se dum verde terno. Sob a folhagem ergue-se um palanque, e sobre ele uma mulher corada, magra, gesticula com entusiasmo. Ao seu lado um macaco neurastenico segue com interesse os gestos da sua dona. Está vestido com uma curta sala vermelha, que—oh prazer da moda!—deixou a descoberto as negras pernas delgadas. Páro e escuto. Apoplética, rubra a dama continua o seu discurso—sim, *senhoritas e caballeros*, esta hervinha—que não é o chá que se toma—nasce em las *sierras* bravias de la Hespanha, *y se toma* á las *cucheradas*, producindo *um effecto* maravilhoso. Acaban las dolores de *cabeça, las tonturas, las maleitas, là rèuma, los nervios y hasta los ciegos recuperam la vista...*

Ah Deus! Se os cegos recuperam a vista e vêem sob a tenra folhagem da tilia esta mulher insexsual que gesticula ao lado dum macaco melancolico, que assombrados ficam—neste cair de tarde triste e quente...

Clarinha

PAPELARIA PALHARES
141, RUA DO OURO, 143
Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.
TELEFONE 842— LISBOA

N.º 4 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 11-4-921

O ESCONJURO

NOVELA POR AQUILINO RIBEIRO

—Muitos santos a quem vocês rezam tinham uma predilecção especial pelos passarinhos...

—E' que não sabiam quanto custa andar agarrdo a uma enxada... não sabiam o suor que requer um grão de pão!

—Não sabiam—tornou o seminarista exaltado—mas vocês nunca estão contentes. Ha sol, venha chuva; ha chuva, é tempo de vir sol. Está o ano farto, pelo que dizem, as paveias quebram de fartas, á de el-rei contra pardais. Deus lhes perdõe...

—E abençôe as nossas cearas—murmurou o Rilha-Pedras—já que não são as sentenças do senhor que enchem papo.

O sr. abade, mostrando-se relutante, a principio, defendera a sua comodidade, nanja a causa dos pardais, e a sua comodidade, em face da atitude casmurra dos homens, estava já do lado do exorcismo. E foi levantando-se, muito breve, que desatou:

—Está bem, ao nascer do sol excomungam-se os pardais.

—Não serão precisas grandes passadas —disse o Rilha-Pedras, já ele lhes tornava as costas, depois de acenar a Aurelio.—Basta que o sr. abade suba ao Oiteiro da Forca, donde se descobrem as terras de ceara e de lá bote as suas rezas. Ali, está na conta...

—Entendido. Ide com Deus—disse ele ainda em tom sêco de despedida.

Na salinha que lhe servia de segunda sacristia, toda cheia de alfaias eclesiasticas, o sr. abade disse para Aurelio:

—Este Rilha-Pedras é o maior safado que a rosa do sol alumia. Matou a sogra, empurrando-a do patamar da escada. Ergueu casa, esfolando uns e outros e com a onzena. Pois é o mais devocioneiro de todos os meus fregueses. Quere saber porque quere a procissão no Oiteiro da Forca? Porque em torno ficam as suas melhores propiedades. Apanham ainda os pingos do hissope... mais virtude!

—E o senhor abade crê—disse Aurelio—que os pardais sejam tão densos que se recomende o esconjuro para largar as cearas?

—Talvez.

—Por amor de Deus. O camponês precisa de um inimigo, de alguem que, real ou supostamente, o roube. Esta necessidade—tenho-o apurado—é nele substancial. E' uma pobre gente que á força de pobre se derrancou.

—Nisso tem o senhor razão—disse o abade—mas não vale a pena abrir os olhos a alarves dêste calibre.—Deixemos o assunto e vamos á janta.

—Bem haja; retiro-me—declarou Aurelio, um pouco fatigado do debate que tivera.—A dieta a que estou adstrito, com ferros, emulsões, mil drogas, impossilitam-me de fazer honra á sua mesa. Por decoro, mesmo, não posso jantar fôra...

—Não insisto. Poderiamos, sobre a tarde, ir por essas cearas fóra verificar o que os homens dizem, mas tenho o sermão do Baptista a compôr. Mas, olhe, venha ámanhã comigo espantar os pardais. Venha...

—O senhor abade é cheio de delicadeza—respondeu Aurelio, sorrindo.—As constituições do bispado obrigam qualquer clerigo de ordens sacras ou menores a acompanhar estas procissões votivas com habito eclesiastico e sobrepeliz.

—Pois sim, mas isso era no tempo em que o meirinho era oficial do bispo. Além de que o senhor se póde considerar dispensado pela doença...

—E' verdade; não me lembrava

—Bom sinal. Venha...,

—Irei, a menos que não acorde.

E, despedindo-se, foi dali, melancolico enfadado mais da inanidade do esforço de andar no mundo que do proprio esforço, muito rente ás paredes, como sombra a buscar a sombra contra a soalheira rija do meio dia.

Quando Aurelio enfileirou na procissão, á saida das casas, *o rogai por nós* da ladainha de todos os santos desfraldava-se muito puro na atmosfera quieta do amanhecer.

Numa solfa gosmada, perro do cigano em jejum, o sacerdote invocava em seguida S. Miguel, o primeiro na ordem dos espiritos benignos e o côro respondia num smorzo demorado, como ladeira de cristal estendida até ao céo para o anjo baixar á terra.

A CIDADE

AZAS QUEBRADAS

A morte de Castilho Nobre

Um tristissimo desastre enlutou a hora de gloria que se consagrava ontem na Batalha.

A aviação portuguesa, expressão das qualidades de intrepidez da nossa raça, a arma, onde, com mais amor, se procurava erguer até aos céus o nosso antigo sonho de aventura, tem que cobrir as suas azas do negro dos lutós.

Tem já o seu martirologio, a aviação portuguesa. O tenente-coronel sr. Castilho Nobre, comandante da esquadrilha, uma curiosa figura, muito conhecida em Lisboa, juntou o seu nome a essa lista negra de um sonho que nem dificuldades nem riscos, nem a morte conseguem abrandar no peito dos que o sonham.

A aviação é a cavalaria andante dos nossos tempos, uma cavalaria alada, uma cavalaria de deuses. Tem os seus herois e os seus martires.

O desastre da Batalha, vitimando o chefe dessa admiravel falange de aviadores portugueses, compunge-nos profundamente e profundamente impressionou toda a gente.

As condições de que ele se revestiu, o dia radioso de sol e de gloria que o envolveu, despertaram uma funda emoção.

O tenente-coronel Castilho Nobre era novo, contava 39 anos. Fez uma carreira rapida, rapidamente cortada.

O desastre deu-se na *aterrissage*, quando o piloto, tenente Ramalho Ortigão, *picava* o motor.

Mais uns pequenos desastres ocorreram a dois outros aeroplanos, felizmente sem grandes consequencias.

A aviação portuguesa teve ontem um dia triste.

Hoje, depois de convenientemente radiografado, recolheu a um dos quartos particulares do hospital de S. José o tenente aviador sr. Ramalho Ortigão.

Malas postais

Pelo «Mormugão» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Açores, New York e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

MÁ-LINGUA

Milagres de Portugal

por Sousa Costa

Desde esse Infante esfingico de Sagres,
desde D. João II e D. Manuel,
tem a Historia corrido num tropel
e em Portugal nunca mais vi milagres.

Os vinhos transformaram-se em vinagres
o dinheiro em farrapos de papel;
se acaso minto, quero, anjo Gabriel,
que a servente do Diabo me consagres!

Vou ler o livro, neste instante aberto;
mas faço, tendo o ganho como certo,
com quem quizer, esta singela aposta:

—caso o nome não seja mentiroso,
o verdadeiro santo milagroso
não é bem Portugal... é Sousa Costa!

TAÇO

As ultimas homenagens

Sinos de Portugal

Lisboa ontem, luxuosa de sol, com risos de mulher e risos de flores, não se tinha esquecido ainda dos seus dois mortos sagrados. Nas janelas tremulavam bandeiras, aquelas bandeiras que viram Joffre e Diaz que se enfunaram de alegria, quando eles passaram; nos corações havia o misterio da hora, hora simbolica e eterna em que na Batalha dois portuguezes iam dormir para sempre junto de reis e de principes; em todas as igrejas, em todas as ermidas, na Catedral, os sinos tocaram, vibraram, ascenderam em preces, volatas, ergueram para Deus, religiosamente, a alma dos Herois.

Os sinos dobraram a finados, em Lisboa, no Porto, em toda a terra de Portugal. Foi um cantico, uma melodia dulcissima, que mergulhava as almas em extase e arrancava de todos os olhos lagrimas que eram de saudade, porque eram de amor, porque eram de ressurreição.

Ressurreição! Das gargantas espiraladas dos sinos voaram notas, que foram um instante, dolorosas, mas logo esse instante volvido, a musica subiu, ascendeu, transfigurou-se, embebeu-se de beleza, coroou-se de alegria — foi ressurreição.

Eram as almas dos Herois, a caminho da Eternidade, buscando o seu Destino, já cheias de claridade fulgurante e para sempre imperecivel!

Todos os sinos de Portugal tangeram, vibraram, ecoaram, rituaram a dor Lusiada; e ela, prolongando-se por espaços interminos, pelos mundos desnudados pela nossa fé envolveu o Universo num canto poderoso, que será eterno.

A recita de gala no Nacional

E' amanhã que se realiza no Nacional a recita de gala de homenagem aos heroes da guerra, que será honrada com a assistencia dos representantes das nações estrangeiras e com o elemento oficial. O espectaculo está brilhantemente organizado constando da representação dos lindos versos alegoricos de Julio Dantas «As duas epopeias», recitados por Amelia Rey Colaço, e do original portuguès «Zilda». A linda sala do Nacional deve oferecer ámanhã um aspecto imponente.

DIARIO DE LISBOA

Vende-se em todas as tabacarias e kiosques

As ultimas bombas

A policia encerrou o sindicato dos padeiros

Em resultado dos ultimos atentados dinamitistas cometidos contra algumas padarias e que são já do conhecimento dos leitores, o sr. presidente do ministerio deu ordem á policia de segurança do Estado para proceder quanto antes ao encerramento do Simdicato dos Manipuladores de Pão.

Deste modo, pelas 13 horas de hoje, alguns agentes d'aquela policia, acompanhados de um piquete de guardas civicos, dirigiram-se ao edificio da C. G. T. onde se encontra instalado o referido sindicato. Os grevistas encontravam-se ali reunidos em assembleia magna, discutindo as suas reclamações, quando os agentes ali entraram de pistolas em punho, obrigando-os a porem as mãos no ar. Depois de umas breves explicações foi a reunião dissolvida e seladas as portas do sindicato, depois do que os grevistas, em numero aproximado de 800, saíram, ordeiramente, na intenção de se dirigirem ao sr. governador civil a pedir-lhe autorisação para reunirem no parque Eduardo VII, ás 17 horas de hoje.

José Atafonas, Antonio Pinto da Silva e Juvenal Antonio Rocha, os três padeiros grevistas que ontem foram presos como suspeitos de estarem implicados no atentado dinamitista da rua do Loreto caso que o nosso presado colega «A Imprensa de Lisboa» já noticiou na sua edição matutina, foram postos em rigorosa incomunicabilidade, bem como o galego Francisco Vasques e o portuguès Fernandes Carvalhal, este ultimo ha tempos expulso do Brasil, e sobre os quais tambem pesam suspeitas de cumplicidade no caso da bomba da rua da Esperança.

A policia continua nas suas investigações, parecendo que outras prisões serão ainda hoje efectuadas.

CHEGOU NOVO STOCK
—= DE =—
CHAMPAGNE BRIS
S. Micquot
Grand vin mousseux
UNICO DEPOSITARIO
A. Pereira Nunes
P. dos Restauradores, 13
TELEFONE
C. 3:300

A' frente a cruz de prata com guiseiras, ladeada de lanternas vermelhas, logo após a cruz de latão moirisco, em cuja pança se alavam querubins macissos, de um ar muito mortuario, entre lanternas verdes; o sacristão de opa com a caldeirinha, o sr. abade de tricorne a nadar num roquete, muito alvo, o dedo espetado no ripanço á altura das litanias, o povo em chusma, os homens á frente, as mulheres no couce, perfaziam o aparato que, armado do nome de Deus, avançava sobre os pardais.

Estava a nascer o sol, este sol dos dias grandes, que mal pulando do lado de lá dos montes, se derrama em amarelidão sobre a terra, como um ovo gigantesco que se esborraça. Banhado dos seus raios, já o galo do campanario, emproado a éste na firmeza do bom tempo, parecia toucar-se da plumagem galante de um gâlo verdadeiro. A luz doirada corria já na cumieira das casas, azeitava ao de leve o caminho poido de S. João, e batendo de chapa nas copas do arvoredo, á cauda do cemiterio, esflocava-se como estendedoiros imensos de brocados sacerdotais. Brunido do orvalho, o verde esmaltado dos milhos reluzia em baixo, pela vazea fóra, como campo de lenços esmerilhados. A todo o lés catando o céo, as andorinhas sarabandeavam e ligeiras, imponderaveis sobre os clamores processionais, eram como as faulhas cuspidas das labaredas rubras de um incendio.

O sr. abade, mal Aurelio alinhou á sua banda, ao tempo que de bôca aberta clamava, com um aceno amical de cabeça saudou. E, depois de o medir de alto a baixo no trajo á secular, a que só o cabeção traía o pensamento de não parecer eclesiastico, assim que o côro remoçou o adagio, estendeu-lhe a mão:

—Dormiu bem?

—Sofrivelmente. Os passarinhos apareceram-me em pesadelo a pedir perdão ao Senhor de ter necessidade de comer—respondeu Aurelio com acento risonho.

—Deixe lá, Deus fez a criação, mas não a regula. Ao homem de se defender. S. Rafael... el... el...!

—E a Providencia?

—A Providencia divina não exclue os cuidados humanos. Deus, lá dizem os tomistas, é o motor imovel acima dos actos das criaturas. *Omnes sancti angeli et arcangeli... il... il-i!*

—Rogai por nós!... respondia o côro, refrangendo em assuada metalica na circunvalação dos môrros soalheiros.

—Santo Joannes Baptista!... Vai estar um dia criador. Se o tempo se aguenta, de aqui por quinze dias malha-se. Mas duvido; ontem rinchou o cavalinho que é sinal certo de mudança de temperatura. Sancte Joseph!...

—Rogai por nós!...

Fóra do caminho emparedado dos quintais, a campina descobriu-se, descendo para o rio em socalcos, ora verdes ora loiros, consoante renovos ou messe. E nela, como marchetados, as cerejeiras, muito negras, e os soutos cobertos de passamanaria de ouro a esmeralda destacavam. No couto, á outra banda, a primavera acabava de passar, ainda deixando na onda do verde, como lumes mextintos, as lagrimas amarelas do tojo e de um ou de outro sargaço, e estas florinhas esponjosas, sem nome, de um roxo de chaga descomposto e que se erguem ao cabo de altas e finas tiges e são um milagre de graça e de leveza. A digitalis, nas encostas de uma parede singela, suspendia ainda firmes seus dedais emborcados, côr de rosa; nas rampas, a macela floria, mas já mais pisada do sol que dos caminhantes; as lombas, a distancia, pareciam vestidas de um burel gasto. Polvilhavam-se os giestais de flocos de espuma com o desabrochar da vagem e as orgueiras de uma poalha de sangue coagulado; muito negros da seiva, sobre os môrros, os pinheiros eram como filas de monges negros a rezar, sem devoção. O estio quasi esquecido de maio, mal roçado da canicula, lá ia levado, gaiteiro e fanfarrão.

O voto breve deixou o caminho velho, de longo curso, pelo atalho das matas, cheio de sombras e desta circunspecção misteriosa que revessam as solidões. Galos palraram no folhedo; ergueram vôo; e, pesadões, cabeçudos, com saiotes de côr incerta e azas lembrando a chita dos pobres, riscaram o ar amedrontados. Ao fundo de uma vereda, tilintante, ajoujada de cargas e mantas garridas, passou uma redea de almocreves. Os homens pararam e, de chapeu na mão, deixaram embrenhar Deus no desvão dos bosques.

Entre os pinhais, a ladainha levantava um eco solene, como cantico em catedral. Os troncos, projectando-se a distancia, riscavam de linhas negras e fitas caprichosas a planicie sem fim, toda clara.

(Continúa)

As homenagens provincianas aos herois desconhecidos

Em Coimbra

A sessão na Camara Municipal

Coimbra, 10.

Foi uma imponente manifestação de patriotismo a sessão ontem realisada na Camara Municipal, consagrando a memoria dos Soldados Desconhecidos. Todas as classes sociais estavam representadas. No lugar de honra e aos lados da mesa da presidencia viam-se os srs. governador civil, chefe do estado maior, representando o general da divisão, reitor da Universidade, presidente do Tribunal da Relação, e conego dr. Carlos Esteves de Azevedo, representando o Bispo de Coimbra. Presidiu á sessão o sr. dr. Alves dos Santos, presidente do Senado Municipal, que proferiu um eloquente e patriotico discurso, exaltando a memoria dos heroicos serranos. Na mesma ordem de ideias e com igual brilho discursaram tambem os srs. capitão Tudela, drs. Torres Garcia, José Cardoso, Costa Ramos e conego Carlos Esteves de Azevedo, que foi alvo duma carinhosa manifestação. O quarteto do teatro Avenida executou com a maior correcção artistica varios trechos de bela musica. O salão nobre dos Paços Municipais estava decorado, vendo-se no topo as bandeiras dos países allados e um escudo onde se lia «Homenagem aos Serranos».

Desde a madrugada que muitas centenas de automoveis e camions teem atravessado a cidade, em direcção á Batalha. Nunca em Coimbra se viu tal movimento.

A cerimonia da investidura das insignias doutoraes ao marechal Joffre

Coimbra, 9

Vae por toda a cidade um entusiasmo indescritivel pela proxima visita do heroico marechal Joffre, a quem se estão preparando ruidosas manifestações, ao generalissimo Diaz e general Smithe.

A cerimonia da investidura das insignias doutoraes ao marechal Joffre obedecerá ao antigo cerimonial, suprimindo-se-lhe a parte religiosa.

O patrono do novo doutor será o sr. Presidente da Republica ou o seu representante.

N'aquele acto discursarão os srs. dr. Oliveira Guimarães, reitor da Universidade; dr. Souto Rodrigues, director da Faculdade de Sciencias, que fará a aposição das insignias, e o sr. dr. Diogo Pacheco de Amorim fará o elogio do marechal Joffre.

Uma proclamação

Pelo governador civil foi publicada uma patriotica proclamação consagrando os heroes portugueses vitimas do Dever.

As exequias

Foram muito concorridas as exequias hoje realisadas pela Cruz Branca no templo de Santa Cruz, sufragando a alma dos soldados portugueses mortos na guerra.

Em Braga

A visita de Joffre

Causou viva sensação e alegria a noticia da vinda a esta cidade do marechal Joffre. O sr. governador civil está a organizar uma comissão que estudará a melhor forma de receber condignamente o heroi do Marne, tendo já sido convidado para a mesma o rev. sr. Arcebispo Primaz.

No Asilo D. Pedro V

O Asilo D. Pedro V, querendo colaborar na grande festa patriotica, enviará á Batalha uma comissão de educantes afim de depositarem sobre os tumulos dos gloriosos herois ramos de flores.

Em Abrantes

A passagem do marechal Joffre

Abrantes, 8

Cerca de 5:000 pessoas foram á estação do caminho de ferro desta cidade prestar homenagem ao marechal Joffre, que aqui passou no rapido de Madrid pelas 16 horas. Era esperado pelo sr. governador civil coronel Ramos de Miranda e o adido militar francês. Fizeram-se representar todas as autoridades civis e militares, as associações locais, a filarmonica «Gremio Musical» e a tuna «Serenata Comercial». O marechal Joffre foi muito ovacionado durante os cinco minutos que o comboio aqui se demorou.

Em Móra

As homenagens aos heroes

Móra, 9

Comemorando a data de 9 de abril, da batalha do Lys, é ámanhã resada uma missa sufragando a alma dos mortos da grande guerra, seguida de cortejo civico ao cemiterio d'esta vila, onde jazem os restos mortaes de um soldado d'aqui, que na grande guerra se inutilisou, onde lhe serão depostas flôres.

Em Pampilhosa

Nos Paços do Concelho

Comemorando a chegada a Lisboa das ossadas dos Soldados Desconhecidos, mortos em França e Africa, no cumprimento do mais sagrado dos deveres, a defesa da Patria, foi içada nos Paços do Concelho e mais repartições publicas a bandeira nacional, e ordenado pelo sr. administrador, tocaram os sinos da vila ás 12 horas e 20 minutos.

Em Espinho

As solenidades religiosas na egreja matriz

Espinho, 8

Decorreram com uma sumptuosidade digna de nota as solenidades religiosas realisadas na egreja matriz, por iniciativa do Espinho-Club, em homenagem á memoria dos soldados desconhecidos.

Proferiu a alocução alusiva ao acto o distinto orador sagrado rev. dr. Candido Gomes, antigo capelão de infantaria 18, produzindo excelente impressão a maneira inteligente como s. ex.ª expoz o significado de tão patriotica cerimonia.

O comercio encerrou as suas portas e as fabricas cessaram a sua laboração desde as 10.30 ás 14.30. Esta resolução foi tomada a pedido da Associação Comercial e Industrial.

Marechal Joffre

Consta que o marechal Joffre visitará Espinho por ocasião da sua vinda ao norte. A confirmar-se o feliz boato é quasi certa a sua visita á importante fabrica de conservas Brandão Gomes & C.ª, Limitada.

No Fundão

O programa das homenagens

Fundão, 9.

Promovidas pela Associação dos Caixeiros do Comercio do Fundão e Associação dos Artistas, realizaram-se hoje cerimonias de homenagem aos herois desconhecidos, com o seguinte programa:

Missa cantada e «Libera-me», hasteamento em gala da bandeira nacional nos Paços do Concelho, tocando as duas filarmonicas da vila e repicando os sinos, sessão solene na Camara Municipal, a que presidiu o juiz de direito da comarca, sr. dr. João Antonio Cardoso, usando da palavra alguns oradores e cortejo civico que percorreu as ruas da vila.

Nas Caldas da Rainha

A sessão solene no quartel de infantaria reveste grande imponencia —Dois minutos de silencio

Caldas da Rainha, 9

Na sessão solene realizada hoje no quartel do regimento de infantaria 5, a que presidiu o comandante sr. Morais Sarmento, usaram da palavra os srs. major Freitas Garcia, um dos combatentes da grande guerra, presidente da Camara Municipal, José Pedro Ferreira, administrador do concelho, dr. José Soeiro, e dr. José Pinto, medico e professor da Escola Primaria Superior.

O sr. dr. José Pinto recitou os seguintes versos da sua autoria:

AOS SOIDADOS DESCONHECIDOS

No dia d'hoje eu vejo o Sol loução, mandar
Raios de Luz á Terra que ilumina e doira;
E em verde-rubra côr eu vejo tremular
A signa, simb'lo são de Patria imorredoira.

Nove d'Abril! E' vosso o dia d'hoje; é vosso,
Peões da Grande Guerra, Herois Desconhecidos,
E nele as Homenagens minhas, como posso
E sei, render-vos venho em versos meus, sentidos

Desconhecidos sois! Do vosso nome e terra,
Não aparece o ról... Desconhecidos sois!
Mas a Alma Nacional, Peões da Grande Guerra,
Vem hoje consagrar-vos d'Ela os seus Herois.

Quem sabe se entre nós, humildes combatentes,
Terêis um filho, pai ou mãe, esposa, irmão,
Noiva adorada, amigos bons, leais parentes,
Quem, com saudade, tenha a Vós no coração?!

Tereis a consagrar-Vos o tropel que passa
Ante os feretros vossos, vossos ataúdes,
Tropel que há de sentir o orgulho desta Raça
Tão cheia de Heroismo e cheia de Virtudes.

Irão acompanhar-Vos até á Batalha
O Panteon do Povo, Herois da Grande Guerra,
Quem tambem nela ouviu os roncos da metralha,
Herois da França, Italia, America, Inglaterra!

Destaca-se entre todos Joffre, o Heroi do Marne
Que traz, junto de Vós, ao Povo Português,
Com camaradas seus, o testemunho em carne
Do preito e admiração do povo bom Francês.

Cobrir-Vos-hão bandeiras, estandartes rôtos
Das amigas Nações que se encheram de Gloria,
E recordar-Vos vem os vivos alvorotos
Que perceberam o acto da final Vitoria.

Mas como o simb'lo sois da Alma Nacional,
A Vós, Desconhecidos Campeões da Gloria,
As homenages feitas, são-no a Portugal
E á Magestade altiloqua da nossa Historia!

E da jornada ao fim no Panteon do Povo,
Mosteiro da Batalha, aonde jazem reis,
Deixando-nos pensar num Portugal mais novo,
Herois desconhecidos, lá reposareis!

E aqui, ali, além, em todo o Portugal,
Pela animada e quente voz da massa publica,
Em côro ouvir-se-há o Hino Triunfal
De Gloria, Amor, Respeito á Patria e á Republica!

Todos os oradores salientaram os feitos praticados pelos nossos soldados na grande guerra e incitaram os novos a honrarem a Patria e a defende-la com o mesmo brilho e valentia com que o fizeram os bravos desconhecidos, que amanhã ficarão depositados no monumento da Batalha. No final da sessão por proposta do sr. dr. Fernando Correia, todos os espectadores se conservaram de pé e em silencio durante dois minutos, como homenagem prestada a todos os mortos na guerra. A concorrencia foi extraordinaria tanto de civis como de militares. Todos os estabelecimentos encerraram do meio dia em diante. A manifestação de amanhã espera-se ser grandiosa.

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA—Rua do Ouro, 18, 22 PORTO—Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

Banco Portuguez do Brazil

Depositos á ordem e a prazo—Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias Operações financeiras
Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

NO ESTRANGEIRO

A acção dos 'soviets'

Tratados de comercio—Instruções aos delegados comerciais — Opiniões de Briand

A Inglaterra firmou um pacto comercial com o governo dos «soviets». Para que um novo se firme entre este e a Alemanha falta apenas que os «soviets» o aceitem, estando, da parte da Alemanha, aplanadas todas as dificuldades; esta espera com o maior optimismo a reatação de relações comerciais e da sua parte já começou trabalhando por despachar as encomendas russas que tinha e que estavam relegadas a segundo plano.

Noticias da Noruega dizem que esta já enviou delegados para se entenderem com os delegados russos em Stockolmo, ácerca do mesmo assunto.

O deputado Jouvenel acaba de insinuar que se poderia tentar o mesmo no Senado francês.

E' uma ideia que está em todos os paises, mais ou menos latente, mais ou menos em via de efectivar-se ou já em realização.

E' claro que todos estes tratados envolvem, como o tratado inglês já realizado, a clausula de segurança, para a sociedade actual, de que os delegados comerciais não farão propaganda bolchevista.

E' interessante porém saber como é que os «soviets» entendem cumprir esta clausula.

O «Times» daya a nota das instruções aos delegados comerciais dos «soviets», de entre as quais destacaremos:

«Não esquecer que as relações comerciais teem por fim principal servir os interesses da propaganda comunista.

«Fazer tudo por subornar a imprensa e organizar um partido comunista.

«Fomentar a revolta entre os antigos soldados e aconselhá-los a não entregar as armas.»

Entretanto o governo dos «soviets» vai alargando um pouco a liberdade de comercio, á espera de que a revolução estale na Europa Ocidental.

Algumas aldeias do Volga abriram os mercados. Mas a quem toda a liberdade de comercio se oferece é aos estrangeiros: facilidade de abertura de fabricas, de sociedades comerciais. Oferece-se a Russia ao estrangeiro; do capitalismo nacional passa ao capitalismo estranho.

Briand porém não deseja estas relações de comercio; e em resposta a Jouvenel, que insinuou a possibilidade de um tratado, respondeu que a Russia está desorganisada e sem meios de transporte. E que sendo o Estado dos «soviets» um Estado não reconhecido, não ha direito que garanta a posse do seu trabalho a quem quer que vá lá estabelecer-se. E considera o fazê-lo, uma aventura que não aconselha a ninguem.

O DESASTRE GREGO

Constantino abdicará e Venizelos voltará a Atenas

As perdas gregas sofridas em Eskischehr, á medida que vão sendo conhecidas, vão assumindo as proporções de um desastre. Ali perderam-se oito mil soldados e muitos oficiais.

Em Atenas e no meio grego de Constantinopla a consternação é enorme.

Parece que a Grecia já quer tentar negociações com a Turquia, por intermedio da Italia, segundo informam de Roma.

Por aqui se prova que tinham razão os experimentados generais que aconselharam á Grecia não fazer a guerra com as pequenas forças de que dispunha.

O descontentamento que lavra contra Constantino é enorme.

E' considerado como o unico responsavel deste desastre. Por causa da sua subida ao trono pediram a demissão os mais experimentados oficiais gregos. Fala-se mesmo num levantamento contra o rei e, nesse caso, Venizelos voltará a Atenas, sendo o proprio governo helenico que porá á sua disposição o navio que o levará á patria.

PERFUMES
CRENOVILLE

De Madrid

A questão social

MADRID, 19

O governo expoz na camara a lista dos projetos tendentes a resolver a questão social.—(R.)

Exportação de azeite

MADRID, 10

O ministro do fomento concedeu licença para que os produtores de azeite o possam exportar para o estrangeiro.—(R.)

Da Hungria

Uma proxima crise ministerial

BUDAPEST, 10

O conde Teleki anunciou na camara hungara a proxima demissão do gabinete hungaro, por ter desagradado á maioria do governo a demissão de Szmerecsanyi, chefe do partido de pequenos agricultores.

Considera-se segura a demissão do ministro de negocios estrangeiros, dr. Gratz. —(R.)

Da Italia

Um novo partido e um extenso programa

ROMA, 10

Os jornaes anunciam a formação de um partido nacional, com a cooperação de todos os elementos conservadores, para a defesa da propriedade contra o comunismo, desenvolvimento da agricultura, industria, marinha mercante, liberdade de comercio e encerramento do parlamento.—(R.)

Harding e os aliados

ROMA, 10

Informam de New-York que o presidente Harding convidara os aliados a participar n'uma conferencia que se realisará em Washington e versará, sobretudo, as dividas dos aliados e a questão das indemnisações.

A esta conferencia serão convidados delegados da França, Inglaterra, Italia, Japão e Alemanha.—(R.)

O ex-imperador Carlos

ROMA, 10

Segundo o jornal «Familie», de Genebra, o ex-imperador Carlos deixará definitivamente Prangins pelos fins de abril, indo provavelmente para a Hespanha.—(R.)

De Paris

O problema da Alta Silesia

PARIS, 10

O general Le Rond, presidente da comissão inter-aliada que organisou o plebiscito na Alta Silesia, acaba de chegar a Paris e conferenciou largamente com o presidente do ministerio.

Crê-se que os trabalhos para o estabelecimento de um projecto de fronteiras germano-polacas ainda demorarão bastante tempo.—(R.)

A derrota dos gregos

PARIS, 10

Por noticias chegadas do Oriente parece que a derrota grega é cada dia mais completa.

Corre com insistencia o boato da evacuação de Brussa.

Os kemalistas, depois de terem parado na sua ofensiva, recomeçaram agora com egual intensidade o ataque.—(R.)

Da Austria

O gabinete demissionario

VIENA, 10

A situação do ministerio na Austria é muito dificil, por causa da demissão de Glanz, ministro do Interior e de Assuntos Militares.

Nos meios bem informados julga-se que o ministerio Mayr será proximamente substituido por um gabinete de transição, que será encarregado de preparar as novas eleições no outono.—(R.)

"Diario de Lisboa"
— JORNAL DA TARDE —
Vende-se em todas as tabacarias e quiosques

As ultimas noticias

sobre a gréve mineira inglêsa

Vão reatar-se as negociações

PARIS, 11.

As noticias recebidas de Inglaterra são optimistas. O sr. Lloyd George conseguiu impedir a sabotagem das minas, obtendo dos mineiros que deixem trabalhar as bombas de esgoto, e conseguiu tambem pôr de novo em contacto os proprietarios de minas com os sindicatos operarios para se proceder a novas discussões. Se estas discussões tomarem bom caminho evitar-se-ha a gréve geral dos caminhos de ferro e dos operarios de transportes. Se Lloyd George conseguiu desanuviar o horisonte, isso foi devido ao enorme e pronto apoio que lhe foi dado por toda a nação inglesa, demonstrado no rapido alistamento de voluntarios em resposta á proclamação real. A Inglaterra demonstrou assim como apesar da abolição do serviço militar obrigatorio ela pode rapidamente constituir um exercito.—(R.).

Descontentamneto e agitação entre os mineiros

PARIS, 10.

Receia-se sériamente que a gréve dos mineiros ingleses produza sérias consequencias na região do Ruhr.

Informam de Dusseldorff que ha grande agitação entre os mineiros por constar que a França ia fornecer á Inglaterra carvão, em caso de necessidade.—(R.).

A vida intima de um comico

Charlot e a curiosidade dos seus admiradores

LONDRES, 11.

Um jornal inglez afirma que o celebre Charlot vae consorciar-se novamente. Entretanto a acção de divorcio que lhe foi intentada por Milfred Harris não está ainda definitivamente resolvida, faltando-lhe a ratificação dos supremos tribunaes.

Afirma-se que a sua futura noiva é miss May Collins, de 17 anos, «estrela» de cinematografo.

Assediada por «reporters» respondeu-lhes que interrogassem Charlot. Mas o aplaudido artista animatografico recusou-se a desvendar as suas intenções matrimoniaes.—(Radio).

Socialistas e monarquicos

impedem a resolução da crise prussiana

BERLIM, 11.

O Parlamento prussiano vê-se impossibilitado do formar gabinete, porque a antiga coligação é actualmente demasiado fraca.

O obstaculo continua sendo o mesmo: a oposição entre os socialistas e os monarquicos.

Ignora-se ainda qual seja a personalidade que será designada para a presidencia, porque o sr. G. Segerwald, que era candidato, recusa o cargo. Fala-se do sr. Herold, deputado do centro.

O jornal «Deutsche Allgemeine Zeitung» fala tambem na possibilidade de ser eleito um socialista majoritario.—(R).

EM PARIS

deu-se um grave desastre no Metropolitano

PARIS, 11.

Houve um grande panico no Metropolitano, quando os vagons passavam sob o Sena, devido a um curto circuito.

Muitos passageiros quebraram os vidros das janelas, arrojando-se á linha. A corrente foi cortada antes de se ter restabelecido a ordem. A maioria dos passageiros recolheu aos hospitais com golpes e contusões.—(R).

REUNIÕES PARA HOJE

Sociedade Aliança Universal, ás 21; Funcionalismo publico, ás 21.

"Caminho da Atlantida"
(Uma campanha luzo-brasileira)
—POR—
JOÃO DE BARROS
Á VENDA NA
LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49

Tabacaria Barbosa
Novidades literarias nacionaes e estrangeiras
Jornaes e publicações ilustradas
Telefone 2926-C.
Rua do Carmo, 57

Desastre mortal

Na Avenida Nova de Chelas, num predio que ali está em construção, quebrou-se hoje uma das táboas do andaime, arrastando na queda dois operarios que se estatelaram de grande altura. Um deles, o servente de pedreiro Pedro Mata, que residia em Sacavem, teve morte instantanea, ficando o seu camarada, Julio dos Anjos, travessa do Forno aos Anjos, 17, com o braço direito fracturado. O primeiro recolheu á casa mortuaria e o segundo á enfermaria de Santo Antonio.

Sociedade Portuguesa de Administrações
SOC. ANON. DE RESP. LIM.
CAPITAL AUTORISADO: 5:000 CONTOS — CAPITAL EMITIDO: 1:000 CONTOS
Endereço telegrafico "Spa"—Cod. Ribeiro: A. B. C. 5.ª Ed.—Lieber's
SÉDE — Calçada do Sacramento, 14, 1.º — LISBOA

TABELA DE COMISSÕES
ADMINISTRAÇÃO DE BENS

(*) Recebimentos de Juros e Dividendos—Lisboa e Porto	1 0/0
Recebimentos de Juros e Dividendos—fóra de Lisboa e Porto	1 1/2 0/0
Recebimentos de Heranças e Legados	Convencional
Compra e Venda de Titulos	1 0/0
Compra e Venda de Prédios rústicos e urbanos	1 0/0
Cobrança de rendas de predios	2 0/0
Cobrança de Pensões do Estado	2 0/0
Cobrança de ordenados e vencimentos	2 0/0
Pagamentos de impostos:—por um predio	Esc. 3$00
por 2 a 4 predios, cada um	Esc. 2$00
por 5 predios ou mais, cada um	Esc. 1$80

Administrações mais complexas, condições convencionais

O PORTO

NUCLEO REGIONALISTA DO NORTE

O "Diario de Lisboa„ ouve, sobre o assunto, o sr. dr. Santos Silva

Tendo vindo a Lisboa, como representante da Camara Municipal do Porto, o ilustre clinico sr. dr. Santos Silva, um dos elementos mais inteligentes e preponderantes do *Nucleo Regionalista do Norte*, imediatamente solicitámos de sua ex.ª a gentileza de nos conceder uma entrevista sobre os projectados e possiveis melhoramentos da cidade do Porto.

Nucleo Regionalista do Norte. Sua formação. Sua objectiva

Recebidos pelo sr. dr. Santos Silva, que amavelmente acedeu ao nosso pedido, sua ex.ª começou por nos dizer que o *Nucleo Regionalista do Norte*, formado no Porto, quando da ultima realisação ali do Congresso do Partido Democratico, pela repulsão de varias correntes do mesmo partido, é formado por elementos de todos os partidos e que a sua missão, independente de politiquices, só tem em vista defender e melhorar, tanto quanto possivel, a cidade do Porto.

Problema de Leixões—Vai ser aberto um concurso

Pode v. ex.ª dizer-nos quais os melhoramentos que o *Nucleo Regionalista do Norte* se propõe fazer em primeiro lugar?

—Sem duvida alguma. Em primeiro lugar, talvez, o problema de Leixões, para cuja construção vai ser aberto um concurso. Realizar-se-há um emprestimo de 30 mil contos, que será lançado no proprio Porto e tomado pelos proprios Bancos. Pelo menos há vontade de o fazer com capitais portuenses, tanto quanto possivel. Este emprestimo foi autorizado já pelo Parlamento, ao juro de 6 por cento.

A descentralização do ensino

—E em materia de ensino?

—Em materia de ensino pugnamos entranhadamente para que lhe seja concedida, de novo, a descentralisação. E' ás camaras municipaes que deve competir a instrução primaria, evitando assim a despopulação das escolas, como aconteceu agora, com a redução das horas de trabalho, com grande prejuizo para a democracia. O ensino, repito, deve descentralisar-se quanto antes, visto que a sua centralisação é um crime. Oxalá que as promessas dos ministros se cumpram, no que temos esperança, pois o sr. dr. Augusto Nobre chegou a mostrar-nos, em tempos, a respectiva proposta.

Dr. Alexandre Braga. O Porto vai receber com carinho e saudade os restos mortaes do grande tribuno

O sr. dr. Santos Silva, que nada mais tinha que nos relatar sobre o projecto do Nucleo Regionalista do Norte, referindo-se á morte do sr. dr. Alexandre Braga, teve para a memoria deste tribuno palavras da mais sentida admiração, acrescentando que o Porto ia receber os seus restos mortaes, com a homenagem devida a tão ilustre filho.

Despedimo-nos do sr. dr. Santos Silva, agradecendo-lhe penhoradissimo a gentileza concedida e manifestando-lhe o nosso mais vivo desejo de que, num futuro proximo, o Nucleo Regionalista do Norte—de cujas iniciativas o Porto muito tem a esperar—veja coroados do melhor exito os seus tão uteis e louvaveis esforços.

A AMNISTIA

A comissão pró-presos dos ferro-viarios do S. e S. avistou-se com o sr. Bernardino Machado

A comissão pró-presos dos ferro-viarios do Sul e Sueste procurou hoje o sr. presidente do ministerio, a fim de solicitar que sejam postos em liberdade quanto antes os ferro-viarios presos por motivo da ultima gréve e os militares que ainda se encontram na Torre de S. Julião da Barra, acusados de deserção por se recusarem a prestar serviço nas linhas ferreas e que foram abrangidos pela recente amnistia. A comissão foi recebida pelo chefe de gabinete, que declarou que a libertação daqueles presos dependia apenas da execução de certas formalidades legais.

O "destroyer" americano n.º 245

Entrou hoje no Tejo

Entrou hoje de manhã no Tejo o «destroyer» americano n.º 245, que atracou á canhoneira da mesma nacionalidade amarrada á mutalha da Alfandega.

TEATROS

Uma peça portuguesa representada em Espanha

Gonzales Blanco verteu para o idioma de Cervantes o scintilante original portuguès «Ninho de Aguias» da autoria do já hoje consagrado dramaturgo Carlos Selvagem.

A peça acaba de ser representada num dos primeiros teatros de Madrid tendo merecido da imprensa daquela capital elogios incondicionais.

A esta hora ignora ainda o joven escritor, que em terras de Africa honra a sua Patria como oficial do exercito, o triunfo conquistado em solo estrangeiro pela sua obra.

Cumpre-nos registá-lo com um natural orgulho de portugueses, saudando comovidamente Carlos Selvagem.

E porque vem a talho de foice, vamos dar uma informação inedita aos nossos leitores: o autor do «Entre Giestas» está trabalhando numa peça intitulada «O Herdeiro» tendo já dois actos concluidos.

A festa de Vasconcelos e Sá no Avenida

A empresa do teatro Avenida oferece a recita de ámanhã, que se efectuará com a «reprise» da peça de grande sucesso «A Inimiga», ao nosso querido camarada Vasconcelos e Sá, redactor mundano do «Diario de Lisboa».

A sociedade elegante lisboeta prepara-lhe uma sincera manifestação de apreço e simpatia, premiando deste modo as suas qualidades de caracter e de trabalho.

Noticias ineditas

Na festa artistica do talentoso actor-cantor Fernando Pereira, que brevemente se realiza no S. Luís, será dada em «première» uma opereta poetnguesa em um acto, original de dois jovens autores.

Reclamos

Nacional

Não há memoria de um original português, em espectaculos seguidos, atingindo tão elevado numero de representações como as que, até agora, conquistou a linda peça de Alfredo Cortez, «Zilda», que hoje, de novo, se repete no Nacional. Esse facto, deveras significativo, demonstra o apreço do publico pela obra, que é interessantissima, e se apresenta esplendidamente representada. Hoje repete-se.

Gimnasio

Amanhã, terça feira, no Gimnasio, é a «première» da peça «negocios são negocios», que vai á scena em festa artistica de Araujo Pereira, o estimado ensaiador do teatro. «Negocios são negocios», que da critica parisiense obteve os maiores e os mais unanimes elogios, será apresentada com todo o aparato e brilhantismo de scenarios e mobiliario. O protagonista da peça, que tem na obra um longo papel, é Alves da Cunha, que está estudando com verdadeiro amor a sua personagem, que é uma das mais trabalhosas da sua brilhadte galeria. Hoje, ultima da «Ventoinha».

Trindade

Ficaram ontem muitos lugares marcados para o espectaculo desta noite no Trindade, com a comovedora e impressionante peça de Paul Bourget, «O Emigrado», que é a mais bela do repertorio deste teatro.

Eden

Os forasteiros actualmente em Lisboa só teem um teatro, o Eden, para passar as noites, pois que nele que se representa a alegrissima revista «P Armada», com a coupletista La Burlandi.

São Luiz

Todas as noites a encantadora opereta «J. P. C.», a rainha das operetas modernas, em scena no teatro S. Luís, á qual a esplendida companhia de Armando de Vasconcelos dá grande relevo, sobretudo os notaveis artistas Auzenda de Oliveira, Adelina de Sousa, Sofia Santos, Henrique Alves, Armando Saraiva, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro e José Correia, que desempenham os principais papeis do lindo original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, a «troupe» mais afortunada de autores nacionais, com musica de Filipe Duarte.

Apolo

Amanhã regorgita de gente o Apolo com a festa de Nascimento Fernandes, o incomparaeel «Pirilau» estreando-se no «Burro em pé», a revista que ele imortalizou, os dois novos quadros «Um grande sonho» e «Pirilau imperador», sendo substituida a apoteose do 1.º acto pelo deslumbrante quadro «Ultima corrida de touros em Salvaterra».

Politeama

O «João Ratão» continua merecendo as boas graças do publico, atraindo a este teatro enchentes colossais.

Coliseu dos Recreios

Noite de festa a de hoje nesta vastissima sala de espectaculos para consagrar a reaparição dos pequeninos artistas Adriana e Charlot. No programa figuram tambem Carthago, os Herminios, Duart e todos os «clowns».

Salão Foz

Este salão continua todas as noites com duas grandes enchentes. Ninguem falte a assistir aos espectaculos do «Trólaró», a maravilhosa revista-fantasia. Laura Costa e Elisa Santos são as rainhas do proscenio, bem como Alvaro Pereira e Alvaro de Almeida, consagrando o publico todas as noites a bela enscenação de «Rosa Mateus» o quadro do telefone, o passeio na plateia, Isabelita e Pastor e outros numeros.

CARTAZ

Nacional—Ás 21, «Zilda».
S. Luis—Ás 21, «J. P. C.«
Trindade—Á2 21, «O Emigrado».
Ginasio—As 21,30, «A Ventoinha».
Politeama—Ás 21, «O João Ratão».
Eden-Teatro—Ás 21, «Faz armada».
Apolo—A's 21,30, «Burro em pé».
Avenida—Ás 21, «O senhor roubado».
Salão Foz—Ás 20,30 e 22,30, «Trolaró».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo e variedades.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

PELAS PROVINCIAS

O centenario de Fernão de Magalhães

Coimbra, 10

O Instituto de Coimbra vai comemorar o centenario de Fernão de Magalhães, tendo o seu presidente, sr. dr. Costa Lobo, convidado para assistir a essa comemoração, convite que foi aceite, os srs. Presidente da Republica, chefe do governo, ministro da marinha e os representantes da Espanha e Inglaterra. Da deputação da Sociedade de Geografia faz parte o sr. dr. Anselmo Bramcamp Freire.

Indemnisações

O Tribunal de Reparações concedeu a indemnisação de 6:000 escudos ao sr. Francisco da Costa Ramos pelo prejuizo sofrido por ocasião do movimento revolucionario de 5 de Dezembro.

A amnistia

Causou nesta cidade a melhor impressão o acto de clemencia da Republica, concedendo a amnistia aos presos politicos. Os unicos presos por estes delitos que se encontravam nesta cidade eram os srs. Conde de Azevedo e Visconde do Banho, que estavam no Hospital da Universidade. Posto em liberdade, o primeiro seguiu para essa cidade, e o sr. Visconde do Banho ficou no Hospital por se encontrar doente.

Falta de trocos

Móra, 9

Continua acentuando-se a falta de trocos, estantando escasseando as celebres cedulas ainda que imundas e perigosas.

Alexandre Braga

Anclão, 9

A Comissão Municipal Republicana e o Centro Republicano Anclanense telegrafaram ao sr. Herculano Galhardo, pedindo-lhe para representar essas colectividades no funeral de Alexandre Braga.

Greve dos pedreiros

Braga, 9

Os operarios pedreiros declararam-se em greve em virtude de não lhes ser concedidas as duas horas para o almoço.

Lêr na 4.ª e 5.ª paginas

"O Esconjuro,,

novela de

Os roubos em Santa Apolonia

O agente Lucio, da policia de investigação criminal, tem andado de há tempos empenhado na descoberta de uma terrivel quadrilha de gatunos, que ultimamente tem cometido importantes roubos na estação de Santa Apolonia. Deste modo, o citado agente já conseguiu deitar a mão a Manuel Alves, Manuel Frias e Adelino Simões, que fizeram desaparecer um volume de peles no valor de 4.000 escudos. Os trez larapios deram hoje entrada nos calabouços do governo civil e vão ser enviados ao tribunal.

Imprensa Libanio da Silva

Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.

24, Travessa do Fala Só, 24

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado.
Botões perola, agulhas.
Bordado a pezo e á peça.
Peugas de seda e algodão.
Rolos para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C.
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

Ultimas noticias

O Parlamento pelo telefone

Está-se discutindo uma proposta do do sr. ministro da Agricultura

A menos que levante qualquer «pé de vento», os trabalhos de hoje na Camara dos Deputados devem decorrer sem especial interesse e a concorrencia não será grande, a julgar pelo numero de legisladores presentes no hemiciclo oratorio á hora a que de lá saimos.

Desde que não haja logo de começo quem requeira a contagem, a sessão, prorogada desde ontem, prosseguirá com a discussão duma proposta do ministro da agricultura, autorisando o governo a tomar, até 30 de junho proximo, medidas de fomento e outras no sentido de estabelecer ou suprimir qualquer restrição á liberdade de comercio e de transito de generos de primeira necessidade, ou de modificar as disposições legais relativas á importação e exportação de quaisquer artigos, quando daí resulte manifesta vantagem para a economia nacional, sem prejuizo das necessidades do país, e autorisando ainda o poder executivo a vender as existencias dos produtos adquiridos pelo Estado aos preços que as circunstancias o permitirem, mediante despacho fundamentado, dando depois o governo ao Parlamento conta do que fizer dessas autorisações.

E uma vez que se cumpra o regimento nada mais será hoje discutido.

A viagem do marechal Joffre ao Porto

O heroico marechal Joffre segue para a capital do norte na proxima quarta feira em carruagem salão atrelada ao comboio rapido.

A cidade do Porto prepara uma recepção imponente ao glorioso vencedor do Marne.

Dr. Alexandre Braga

A urna que encerra os restos mortais do sr. dr. Alexandre Braga ainda hoje não foi trasladada para o salão nobre dos Paços do Concelho. A' hora do nosso jornal entrar na maquina andam preparando condignamente, para esse fim, o citado salão, sendo de esperar que amanhã já o ilustre finado seja exposto ao publico.

O sr. dr. Afonso Costa teve hoje, a este respeito uma conferencia com o sr. presidente da comissão executiva da Camara Municipal.

Na Escola de Guerra

Em honra das missões aliadas

A' hora de fecharmos o nosso jornal está decorrendo com grande brilhantismo, na Escola de Guerra, a festa promovida pelo governo em honra das missões estrangeiras, marechal Joffre e generalissimo Diaz.

A festa principiou ás 16 horas, com numeros de gimnastica e esgrima executados pelos alunos da Escola, recitando em seguida a actriz Ester de Leão e os actores Henrique Alves, Carlos Santos e Henrique d'Albuquerque versos franceses.

Deve fazer-se em seguida a aposição das insignias ás bandeiras aliadas e portuguesas, devendo fazer essa aposição o sr. ministro da guerra. A festa será encerrada com algumas palavras de saudação aos exercitos aliados, proferidas pelo general sr. Abel Hipolito.

Em virtude da festa houve hoje feriado no ministerio da guerra.

Delegados do Procurador da Republica

As provas praticas dos concursos para lugares de delegados do Procurador da Republica começarão no dia 25 do corrente, começando a seguir as provas dos concursos para conservadores do registo predial e notarios, em dias que serão oportunamente e com antecedencia anunciados.

DA ARCADA

O sr. ministro das financas recebeu hoje da Associação Comercial e Industrial de Setubal uma representação em que se demonstrem os inconvenientes da pauta de 1892 e se pede que esta seja posta de parte, alvitrando que para o estudo da sua remodelação seja nomeada uma comissão composta de representantes legitimos de todas as associações de classe interessadas no assunto.

A mesma colectividade pede ainda a isenção do pagamento de direitos em ouro sobre os produtos importados.

—A secção dos fabricantes de conservas de Setubal representou hoje ao sr. ministro das finanças solicitando que passe a ser feito em escudos o pagamento do azeite nacional que por uma lei recentemente publicada está sendo feito em ouro. Tal pedido funda-se na dificuldade de acquisição de cambiais.